

O enredo da Reforma Protestante

**“É curioso como as cores do mundo real
parecem muito mais reais quando vistas no cinema”¹
(Laranja Mecânica)**

Gerson Lourenço Pereira²

Introdução

Interessante como a sétima arte tem o poder de encantar-nos através de imagens e sons, mesmo se tratando da reprodução de eventos triviais. Muitas vezes a realidade se torna mais atraente, viva e crível quando transposta para uma tela grande. A realidade parece “mais real” quando vista no cinema.

Pessoalmente comecei a apreciar a história fazendo a leitura dos fatos através da linguagem cinematográfica. Como se as narrativas fizessem parte de um enredo nem sempre com um final feliz, ou mesmo um fim programado. Considerando a dinâmica dos tempos e dos fatos, alguns eventos me parecem verdadeiros *remakes*, conduzindo a gente à reprodução do adágio antigo: “esse filme eu já vi!”; lembrando Cazuza, quando afirmou no poema cantado *O Tempo não Para*: “eu vejo o futuro repetir o passado”.

Seguindo por esse caminho é que buscarei apresentar parte de um enredo, de uma história. Não como um *déjà vu*, mas intencionando uma apresentação crível e consciente, discorrerei neste texto um pouco a respeito da Reforma Protestante, como se estivéssemos diante de uma narrativa cinematográfica.

¹ Conforme versão cinematográfica dirigida por Stanley Kubrick (Columbia-Warner, 1971). Entretanto, a linguagem da obra de Anthony Burgess que serviu de inspiração para o filme, é bastante peculiar. Literalmente, de acordo com a tradução mais recente para o português, de Fábio Fernandes, a declaração é transcrita nos seguintes termos: “É gozado como as cores do mundo real só parecem reais de verdade quando você videia na tela” (BURGESS, 2014, p. 104).

² Doutor em Teologia pela PUC-Rio, membro da Igreja Metodista, Professor de Ensino Religioso da Rede Pública, Professor de Teologia e disciplinas na área Pastoral e História da Igreja do Seminário Metodista César Dacorso Filho.

Copiando e adaptando as palavras do Mestre do Cinema Novo, Glauber Rocha, “com uma ideia na cabeça e uma câmera (imaginária) na mão”, será compartilhada a composição do cenário erguido temporalmente na história; destacado um protagonista em particular, Martinho Lutero; e externadas as críticas necessárias a partir das leituras contemporâneas e contextualizadas do seu legado.

1. Por que aconteceu a Reforma? O cenário: Onde o filme começa a acontecer.

Nosso enredo se desenvolve na Europa ocidental, no século XVI, em um momento efervescente, de transição epocal, da Idade Média para a modernidade. Três aspectos importantes, na composição do cenário, devem ser destacados: o político, o cultural e o religioso/teológico.

Em relação ao primeiro, para não nos determos exaustivamente nos detalhes, basta indicar a constelação política formada por uma série de grandes Estados Nacionais naquele período. A França consolidara sua coroa; a Inglaterra e a Escócia uniram-se em um reino, o Britânico; diversos domínios ibéricos se uniram para formar a Espanha moderna; e Portugal mantivera sua autonomia. (DREHER, 1996, p.8)

Na Alemanha, localizada na Europa Central, embora existisse uma infinidade de poderes regionais, os Principados, subordinados ao poder imperial, o quadro era conflituoso sem uma unidade política (DREHER, 1996, p. 9). O curso da história que será contada mostrará que tais relações de poder favoreceram o protestantismo (DREHER, 1996, p. 11). Por outro lado, estas também geraram grandes conflitos, polarizando a parte ocidental do continente entre países e regiões católicas e protestantes.

Em relação ao aspecto cultural salientamos o florescimento do Humanismo, movimento intelectual filho da Renascença, como a corrente de pensamento de influência determinante sobre grande parcela dos reformadores como Melanchthon, Zwínglio e Calvino (DREHER, 1996, p. 11-12).

Não é possível entender a Reforma desconectada da valorização do saber crítico para maior desenvolvimento do conhecimento humano, bem como de suas potencialidades. Influência que ficou clara na reforma do sistema universitário possibilitada pelo protestantismo (DREHER, 1996, p.13).

Finalmente, a respeito do aspecto religioso/teológico, começo atentando para a hegemonia católica e a recorrente associação entre a hierarquia da Igreja e a nobreza em várias regiões europeias, legadas pela Idade Média. Dessa associação, ora o poder papal se sobrepunha ao temporal/secular; ora o poder temporal/secular da nobreza se sobrepunha ao religioso, controlando as atividades eclesiais (DREHER, 1996, p.14-15).

Somadas à associação da Igreja com o poder político, sob o ponto de vista religioso, algumas controvérsias teológicas não resolvidas na era medievá marcaram também este cenário. Uma delas, a gerada em torno da doutrina da salvação. Como a pessoa é redimida, liberta do inferno? Por graça e fé ou por obras? (DREHER, 1996, p.19). Se por fé e graça, por que a cobrança de indulgências, por exemplo, já que não são méritos acumulados ou negligenciados que garantam a salvação de alguém?

Decorrentes das concepções distintas e indefinidas em torno da doutrina da graça, duas outras controvérsias foram suscitadas: em relação a obrigação ou não da penitência, como a finalidade de orientar disciplinadamente a pessoa fiel na obediência cristã; e a que se refere aos sacramentos, sobretudo na compreensão do batismo e da forma Eucarística, se transubstanciada ou consubstanciada.

O último motivo de controvérsia teológica que destaco foi o eclesiológico, ou seja, a respeito das noções sobre a natureza, constituição e finalidade da Igreja. Quem governa e ensina? A hierarquia clerical (bispos e Papa) ou o povo? A Igreja é meio ou portadora de meios que conduzem à salvação? Ela traz consigo suficiente força sacramental?

Tais questões inconclusas e controversas no âmbito religioso, a constelação política complexa e o florescimento

do humanismo no campo cultural emolduram o cenário assinalado por insatisfações, contestações e conflitos. Esses fatos também foram determinantes para o desenvolvimento para a construção do enredo da Reforma. Desse cenário e enredo participaram importantes protagonistas, sendo um deles Martinho Lutero, reconhecido como o grande precursor do movimento. Quem foi esse personagem? Como desempenhou o seu papel? É o que exibiremos a seguir.

2. Destacando um protagonista: “câmera e ação”!

Martinho Lutero nasceu em 10 de novembro de 1483, em Eisleben. Foi um monge agostiniano, ordenado pelo mosteiro de Erfurt. Foi grande estudioso das Escrituras Sagradas, sendo professor de Bíblia em Wittenberg, onde desenvolveu intensa atividade também como pároco.

Foi em Wittenberg, no dia 31 de outubro de 1517, que se opôs frontalmente à venda de indulgências feitas em nome do Papa Leão X, afixando no portal da Igreja do castelo as famosas 95 teses. Naquele tempo, recorrentemente, catedráticos e estudantes, quando desejosos por promover um debate sobre suas ideias, procediam como Lutero e afixavam suas teses em lugares públicos, para dar visibilidade e iniciar uma grande discussão. Como se, nos dias de hoje, alguém postasse nas redes sociais uma declaração e aguardasse os comentários.

O impacto das 95 teses de Lutero foi tão grande que deflagrou o movimento da Reforma, uma vez que correspondera a anseios de boa parte do povo, sobretudo em relação à tutela e poder da Igreja Católica. A repercussão das contestações de Lutero rendeu-lhe uma reação papal nada amistosa, que abriu um processo contra a publicação das 95 teses, em 1518.

Em 1521, sob as ordens do Papa Leão, o Imperador Carlos V inaugurou a **Dieta de Worms**³, no dia 22 de janeiro. Lutero foi convocado a comparecer para renunciar ou confirmar não apenas as teses, como todos os escritos que publicara depois em contestação a vários aspectos relacionados ao poderio da Igreja Católica. Entre os dias 17 e 18 de abril se apresentou diante do Imperador, confirmando suas posições declarando: “Não posso fazer outra coisa, esta é a minha posição. Que Deus me ajude”.

Lutero deteve-se por alguns dias na cidade de Worms. Contudo, temendo pela vida, retornou para Wittenberg. Em 25 de maio de 1521, o Imperador redigiu o **Édito de Worms**, declarando Lutero excomungado, fugitivo e herege, sendo suas obras proscritas. Então, sob a proteção do Príncipe Frederico, se refugiou no castelo de Wartburg, em Eisenach, sob o pseudônimo de Jörg. A partir deste momento iniciou a tradução da Bíblia para o vernáculo alemão.

Como Lutero desempenhou seu papel? Além da postura corajosa frente às perseguições e firme diante dos contestadores, através dos seus escritos permitiu um considerável *depositum fidei* para o protestantismo, graças à imprensa, amplamente utilizada como meio de veiculação das suas ideias. Antes de prosseguirmos, contudo, acredito que uma pergunta esteja nos inquietando: Qual a origem do termo “protestante” como referência ao movimento da Reforma? Como em uma narrativa paralela, daquelas semelhantes a um *flash back*, responderei rapidamente.

O termo “protestante” originou-se da declaração de fé que os príncipes alemães, favoráveis ao movimento da Reforma e presentes na 2ª Dieta de Espira, em 1529, dirigiram a tal assembleia. Presidida pelo rei Fernando, em substituição ao Imperador Carlos V, ausente por razões contingenciais, a pauta dessa reunião fora a supressão por decreto das regalias providas pelo Estado às igrejas

³ As “dietas” eram assembleias presididas e compostas pelos príncipes da Alemanha, naqueles tempos. Worms foi a cidade que acolheu a realizada em 1521, para definir as diretrizes da Igreja em relação ao movimento de contestação liderado por Martinho Lutero e a ele próprio.

reformadas. A esta altura, 12 anos após a publicação das 95 teses de Lutero, a nação estava alvoroçada e dividida. Uma parcela, católica; outra, simpática às ideias da Reforma.

Em 1526, na mesma cidade de Espira, a Primeira Dieta ocorrera proibindo futuras reformas eclesiásticas, motivada pelo condenatório do **Édito de Worms**. Todavia, não eram poucos os nobres favoráveis à Reforma deflagrada por Lutero.

Articulados na defesa das ideias de luteranas, os membros favoráveis à causa reformista retiraram-se temporariamente a uma sala contígua, na assembleia de 1529, para uma conferência. Ali formularam uma declaração que começava com as seguintes palavras “Nós protestamos e declaramos abertamente diante de Deus e de todos os homens...”; em oposição ao Édito de 1521 e à decisão da Primeira Dieta, em 1526. A partir de então, o vocábulo “protestantes” se tornou termo de designação dos membros e das igrejas partícipes e herdeiras da Reforma.

Voltando à cena do protagonismo de Lutero, chamo a atenção para algumas importantes reflexões que alicerçaram a Reforma. Não seria possível indexar toda sua obra escrita aqui. Limitarei a pontuar, em alíneas gerais, as suas mais significativas contribuições.

- a) A afirmação de fé baseada na concepção de um Deus compassivo, cheio de graça, perdoador. Nela está o cerne da teologia de Lutero. Se origina da pergunta pessoal: “como alcanço um Deus misericordioso?”. Esta indagação norteou sua jornada espiritual, desde o ingresso na vida monástica (como cumprimento da promessa feita à Santa Ana ao sair ileso de uma tempestade), compreendida como forma de obter a aprovação divina; à **justificação pela fé**, a partir da apreensão vívida da afirmação bíblica “O justo viverá pela fé” (Rm 1, 17), por meio do esclarecimento divino na conhecida “Experiência

da Torre”, em Wittenberg (REILY, 1993, p.66). Sua trajetória religiosa seguiu deslocando a *Imago Dei* de uma dimensão distante para o interior, ao coração.

- b) O conceito de **justiça divina**, desenvolvido a partir da imagem compassiva de Deus, fruto dessa jornada espiritual. Fundamental para o exercício da ação salvífica é a mediação de Cristo e a confiança lançada sobre ele mediante a fé, apenas por ela (**Sola Fide**), jamais por obra meritória alguma. Segundo o próprio Lutero, comentando a passagem bíblica referida acima: “...Pois o justo não vive por causa de seu preparo, mas por causa da fé... Se, porém, creres nas palavras de Cristo, honrá-lo-ás e, com isso, és justo e digno da vida eterna” (DREHER, 1996, p. 43).
- c) A total iniciativa de Deus na ação justificadora, perdoadora/redentora. A ação salvífica é a expressão do amor divino pela humanidade, como ato de extrema bondade repleto de Graça apenas (**Sola Gratia**), sem esforço ou merecimento humano. “Em Cristo, o ser humano, desorientado, alienado de Deus e do seu semelhante, descobre Deus, reconcilia-se com seu semelhante e seu mundo, descobre direção e sentido na vida” (REILY, 1993, p. 66).
- d) A Bíblia Sagrada como única autoridade da Igreja (**Sola Escripura**). Segundo a concepção de Lutero, a Escritura é a fixação da pregação apostólica a respeito de Jesus Cristo, atestando sua salvação na cruz. Por essa razão estabeleceu uma distinção entre **Palavra** e **Escritura**. A primeira, diz respeito a Jesus Cristo, como Verbo encarnado, no qual a Bíblia como Escritura encontra o sentido primordial. Há apenas um critério para credibilidade hermenêutica da Bíblia, a Palavra que revela (Jesus). Por ser ele o

conteúdo, a correta interpretação das Sagradas Escrituras aponta para sua direção (DREHER, 1996, 45-46). Isso não significa recusa às fórmulas de fé legadas pela Tradição, mas o reconhecimento da Bíblia como única fonte salvífica e, portanto, critério de discernimento.

- e) A compreensão da Igreja como comunidade, “santo povo de Deus no mundo” fundamentada na palavra de Deus (Jesus Cristo). Nesse sentido decorrem três importantes implicações. A primeira consiste no caráter comunitário propriamente dito da eclesiologia de Lutero. Para ele, a Igreja é o lugar de comunhão ao redor da Palavra e, conforme a autoridade bíblica, dos sacramentos instituídos por Jesus Cristo. Daí decorre a segunda implicação: a prática sacramental. Seguindo como critério a instituição registrada de Jesus, restam apenas o **Batismo** e a **Eucaristia** a serem celebrados como memoriais e símbolos de salvação e comunhão, eliminando os outros cinco da tradição católica. A terceira implicação é a concepção do **sacerdócio universal dos cristãos**. Nesse sentido, Igreja é povo, não é hierarquia. Por causa do Batismo, todos os cristãos são “clero” e participam do sacerdócio de Jesus Cristo. Embora cada ministério eclesiástico possua sua peculiaridade, Lutero entendia que não havia um “estamento espiritual” entre os fiéis, estabelecendo graus de importância nas funções que exerciam. Todo ministério da Igreja é entendido como serviço e não como poder. “O específico da pessoa ordenada para o ministério só está no momento do exercício do mesmo. O ministro não tem um caráter indelével (*character indelebilis*)” (DREHER, 1996, p.47).

Poderíamos destacar na trajetória do nosso protagonista o relato de eventos não muito positivos que,

provavelmente, lançariam questionamentos sobre quem são os “mocinhos” e os “vilões” dessa história. Não é o cerne da nossa abordagem, mas cabe lembrar que em função da necessária aliança com a nobreza alemã, Lutero não desaprovou a repressão da revolta camponesa liderada por Thomas Müntzer, em 1525 (Cf. BLOCH, 1973). Fora um episódio lamentável na nossa trama. Bem... Há sempre ambiguidades em todo argumento cinematográfico quando busca-se narrar um bom enredo...

Todavia, as cores que destacamos aqui nos fazem lembrar que as contribuições da Reforma Protestante forma determinantes para transformações nos âmbitos religioso, político e cultural. Do ponto de vista ético, a partir do pensamento de Lutero, o ser humano é contemplado enquanto ser de liberdade, sendo possível a sua comunicação direta com Deus. Liberdade essa que estimulou a interpretação espontânea das Sagradas Escrituras, desvinculada do magistério oficial da Igreja. Talvez, como máxima luterana, poderíamos reafirmar que uma pessoa cristã liberta gratuitamente, transmite-se ao próximo gratuitamente: “um cristão é servidor de todas as coisas e sujeito a todos” (DREHER, 1996, p. 52).

Outra significativa contribuição legada por Lutero, bem como pelo movimento da Reforma, foi o reconhecimento do papel da educação na construção da sociedade. Em 1539 na terceira parte da obra *Dos Concílios e da Igreja*, nosso protagonista ressalta, no final de sua reflexão, a importância das escolas e a sua oferta para o povo, lançando as sementes da defesa pelo ensino público oferecido pelo Estado:

Por isso os antigos imperadores, reis e príncipes fizeram bem em construir tantas escolas, superiores e fundamentais, conventos e fundações. Queriam proporcionar à Igreja uma rica e grande reserva de recursos humanos, mas que foram escandalosamente abusados pelos sucessores. Assim deveriam agir ainda hoje os príncipes e senhores: usar os bens dos conventos em escolas e criar fundações para dar chance de estudo a muitas pessoas. Se nossos sucessores abusarem

delas, pelo menos nós fizemos a nossa parte.
(LUTERO, 2001, p. 58-59)

Sobre sua vida pessoal, Martinho Lutero casou-se com a ex-freira, Catarina von Bora, em 1525. Com ela viveu até a sua morte, em 1546, no dia 18 de fevereiro, em Eilsleben, aos 63 anos. Quatro dias depois, foi sepultado em Wittenberg. Fim da história deste protagonista e das mudanças provocadas pela Reforma Protestante!

Considero, todavia, que a expectativa de qualquer diretor e produtor cinematográfico, após a finalização da obra, é saber a opinião dos críticos. Mesmo aqueles filmes não muito bem acolhidos podem se tornar clássicos ao serem revistos sob outro olhar. Por esse motivo, importa que boas histórias, para não se perderem no tempo, sejam atualizadas. Quem sabe, até refilmadas...

A Reforma Protestante é um exemplo de um “clássico” que deve ser revisitado. Mas será que, ao invés de versões atualizadas, o que mais assistimos hoje, sobretudo no Brasil, sejam algumas cópias distorcidas e distantes do original? Que críticas e ponderações poderiam ser dirigidas ao público sobre o tema? Quem são os novos atores do protestantismo brasileiro? É o que proponho observar a seguir.

3. O legado da Reforma: a crítica de um clássico

Reconheço que a tarefa de analisar um “clássico”, como a Reforma Protestante, inserido em outra realidade, a brasileira, é complexa. Pluralidade teológico-doutrinária é a palavra chave para começo de conversa. Porém, com o estabelecimento de alguns critérios, podemos comentar devidamente a presença protestante no nosso País.

Paul Tillich (1992), teólogo alemão contemporâneo de origem luterana, contribuiu com a consignação de um interessante critério de análise. Ele observou que o protestantismo possui um princípio potencializador de transformações, uma força dinâmica e atuante que transcende a um momento histórico específico, que se

apresenta em qualquer forma religiosa. Esse conceito nomeado como “Princípio Protestante” é contraposto à “Substância Católica”, compreendida como o assentamento e a estabilização de ideias e doutrinas que resistem a mudanças. As transformações acontecem pelo rompimento, provocado pelo princípio, sobre tal estabilidade.

Historicamente, o protestantismo legou o espírito crítico e formativo como princípio tanto para movimentos de caráter religioso como laicos. Lutero, em particular, pode ser perenemente considerado como uma referência nos processos de luta por libertação, trazendo consigo a força desse princípio (SHALL, 1993, p. 33-58). Mas, em relação ao protestantismo brasileiro, tal legado se confirma, acolhe parcialmente ou rejeita?

Um novo cenário do protestantismo é erguido, onde se desenvolvem novas tramas com novos protagonistas no Brasil. Narrar a saga de cada um deles é tarefa para construção de novos argumentos e enredos, história para outro filme.

Basta, confirmando a complexidade deste campo religioso, mencionar a atuação de grupos diversos e plurais, como:

- a) protestantes históricos, herdeiros das reformas do século XVI, que chegam oficialmente às nossas terras no século XIX (ex.: luteranos, presbiterianos, metodistas, congregacionais, anglicanos);
- b) pentecostais, provenientes do movimento de avivamento norte americano no início do século XX, que se firmam no Brasil a partir de 1911 (ex.: fiéis das igrejas Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Evangelho Quadrangular);
- c) e neopentecostais, organizados no País na terceira onda pentecostal que se desenvolveu ao longo das décadas de 1970 e 1980 (ex.: Universal do Reino de Deus, Igreja

Internacional da Graça de Deus) (Cf.: PEREIRA, 2014, p.12-25)

Esses atores ora corroboram, ora se distanciam do princípio transformador, marcante do protestantismo. Em geral, além das controvérsias de ordem doutrinária na constelação de denominações existentes; conflitos em relação a ideais e propósitos despontam, muitas vezes no interior das próprias igrejas.

Assim, identificamos grupos e indivíduos que são inspirados por ideias libertárias, progressistas, envolvidos nas causas sociais, étnicas, LGBTI; como outros, que preservam uma orientação conservadora-fundamentalista, alienada da realidade, do “mundo” (ALVES, 2004, p. 41). Aqueles que são defensores do diálogo ecumênico; e os que mantém a recusa a qualquer aproximação intereclesial (MENDONÇA, 2008). Militantes da política partidária, alinhados com a esquerda; e membros de outros partidos, alinhados com a direita representados, no Congresso Nacional, pela Bancada da Bíblia. Patronos da teologia da prosperidade, administradores de grandes empreendimentos eclesiais; e membros comungantes de pequenas comunidades, calcadas nos valores da humildade e frugalidade.

Presenciamos no protestantismo brasileiro a busca de predominância e influência de grupos e ideias. A grande questão é em que medida determinadas ideias e posturas correspondem ou não ao Princípio Protestante sendo, portanto, legitimamente herdeiras dos ideais da Reforma. Este é um bom enredo para outro filme...

Conclusão

Ecclesia reformata semper reformanda (igreja reformada sempre reformando) é o aforismo que mais caracteriza protestantismo. Quem sabe, em meio à diversidade desse campo religioso no Brasil, novas comunidades portadoras da mensagem libertadora, dialogais e engajadas não aflorem? Talvez já estejam florescendo...

Referências

- ALVES, Rubem. ***Dogmatismo e tolerância***. São Paulo: Loyola, 2004.
- BLOCH, Ernst. ***Thomas Müntzer, teólogo da revolução***. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1973.
- BURGESS, Anthony. ***Laranja mecânica***. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2014.
- DREHER, Martin N. ***A crise e a renovação da Igreja no período da Reforma***. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Coleção história da igreja; v. 3).
- LUTERO, Martin. ***Como reconhecer a igreja***. São Leopoldo: Sinodal, 2001. (Coleção Lutero para hoje).
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. ***Protestantes, pentecostais e ecumênicos: o campo religioso e seus personagens***. 2ª ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.
- PEREIRA, Gerson Lourenço. ***Uma igreja cristocêntrica, diaconal e koinônica: estudo teológico-pastoral sobre o metodismo na cidade do Rio de Janeiro***. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014 (Tese de doutorado).
- REILY, Duncan A. ***A história da igreja***. 2ª ed. São Bernardo do Campo, 1993.
- SHAULL, Richard. ***A Reforma Protestante e a Teologia da Libertação: perspectivas para os desafios da atualidade***. São Paulo: Pendão Real, 1993.
- TILLICH, Paul. ***A era protestante***. São Bernardo do Campo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.

Questões:

1. Embora o aspecto religioso não deva ser determinante para escolhas políticas, estas vêm demonstrando forte influência nas decisões de voto de muita gente aqui no Brasil. Em que medida política e religião devem estar envolvidas?
2. Como pode ser avaliada a atuação dos parlamentares protestantes que compõem a Bancada da Bíblia no Congresso? Distanciada, alinhada ou oposta ao que chamamos de Princípio Protestante?
3. Quais exemplos coerentes com tal princípio poderíamos relacionar dentre os evangélicos que possuem visibilidade nos meios de comunicação de massa e redes sociais?

Saiba Mais:

A vida do Reformador Martinho Lutero já foi transposta algumas vezes para a tela do cinema. Recomendo a obra cinematográfica mais recente:

LUTERO. Direção: Eric Till: MGM, 2003. DVD (124 min).

A respeito dos seus escritos, uma ótima versão para o nosso idioma é a coletânea selecionada de suas obras:

LUTERO, M. **Obras selecionadas.** São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia. (13 volumes).